

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º 4 entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 678	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	5\$800	2\$900	9950	5120	30 DE OUTUBRO DE 1897	Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Foi-se embora o rei amarello, e, *segun se cuenta*, pouco contente.

Chulalongkorn ha muito já que andava affastado dos seus seis milhões e meio de subditos siamezes, chinezes, cambojanos e malaios. Devia de andar farto de comidas europeias e dos vinhos de França e com uma certa saudadesita do bom arroz do oriente e do leite fermentado.

A civilização cança muito um homem.

De quando em quando, se algum garoto menos respeitoso ria, ao vel-o passar no coche, dos seus olhos obliquos, da tez cor de oca, das maçanetas salientes, havia de lembrar-se com impaciencia do tempo que faltava para tornar a ver o seu palacio onde tantas bellas mulheres o esperavam, afóra as quatrocentas do batalhão da guarda d'honra.

Com que prazer não ha de elle curvar-se d'aqui a dias ante o elephante branco de tromba dourada, todo elle coberto de pedrarias, revestido d'um caracter sagrado!

E que enorme quantidade de coisas não ha de elle gritar em fúlete aspero ao elephante, á esposa, ás mulheres do harem, ao batalhão das mulheres!

Leva memorias de tudo. Contará como chegou e o passearam pelas ruas de Lisboa, para deante e para traz, dando voltas e reviravoltas, que até espanta como não pregaram com elle em Cacilhas, na Ponte da Assoca, na Moita e na Pampulha para o levarem do Rocio ao hotel de Bragança! Contará as maravilhas do paço improvisado e os baldões em que andou nas primeiras horas, e o muito que comeu e o muitissimo que dormiu e as luminarias que admirou!

Elle habituado a ser obedecido, anda, ha que tempos, pela Europa obedecendo a todos, com programma feito.

Quem lhe dêra chegar a Sião e pela sua vez mandar um bocadinho, dar vozes de commando ao exercito feminino, rir, se um rei d'aquelles sabe rir, descansar por um instante os olhos n'outros olhos amados, beijar um rosto amarello como o d'elle, ouvir a atinação d'uma musica infernal, e vozes, como a d'elle berrarem coisas doces aos seus ouvidos feridos pelas consoantes das linguas da Europa.

E, quem lhe dêra, ainda mais talvez, não ser rei de Sião, não ser rico e poderoso, não ser amarello, e poder, confundido na turba-multa, passear pelos boulevards de Paris, como qualquer d'esse milhão e meio de felizes que habitam a grande cidade.

Disseram jornaes que era esse o maior desejo do poderoso monarcha. Não custa a acreditar.

Entretanto, e fossem quaes fossem as razões que levaram Chulalongkorn a pôr-se casmurro durante as ultimas horas que passou em Lisboa, houve no programma dos festejos uma parte que foi deslumbrante.

Desde S. João do Estoril até ao baluarte de Cascaes eram aos milhares os baldões, as tijellhas, as lanternas, emquanto junto ao mar ardiam barricas de alcatrão dispostas em linha sinuosa. Eram magnificas as illuminações da casa da camara, dos quartéis, do telegrapho, do club, e de

muitos chalets. Todos os barcos fundeados na bahia illuminaram em arco.

Foi extraordinaria a concorrência.

Dizem, porém, que o monarcha oriental se conservou triste, como um neurasthenico, e que nem o fogo de artificio o commoveu.

Vinte e quatro horas depois, tendo-se desculpado de não aceitar o almoo em Cintra, para

que fôra convidado, o rei de Sião, debaixo d'uma carga d'agua, d'essas que nunca mais esquecem, deixava Lisboa e dizia a este cantinho occidental o ultimo adeus debruçado á portinholla do salão do comboio expresso, que devia conduzi-lo até á fronteira.

Mas o enguico não acabara. Mais tristes recordações deveria levar de có.



D. PRAXEDES MATEO SAGASTA — NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS DE HESPAHIA

Elle que, como todo o bom siamez, decerto acredita nos amuletos, provavelmente deixou por esquecimento a mascottesinha em algum quarto do hotel de Bragança.

Ao chegar à Povoia de Santa Iria, descarrila o comboio!

O rei de Sião perdeu então toda a gravidade.

Alguns dos da comitiva empallideceram, como empallidece um siamez.

Nem tudo são rosas para um monarca do Oriente, que se lembra de atravessar os mares que os portuguezes descobriram, para poder gabar-se na terra de por seu turno ter descoberto Portugal.

Alguns chronicistas dos de lá ha de contar essa viagem tormentosa, os usos e costumes d'estes indigenas, e de como Vasco da Gama, descobrindo a India, e os navegadores, que se lhe seguiram, indo até ao Japão, não soffreram tratos no Oriente, não arriscaram a pelle, não padeceram intemperies, como o muito alto e poderoso Chulalongkorn I, de immortall memoria.

Que faça boa viagem e encontre de saúde a vasta familia.

A prata de casa, e que boa prata! dá-nos d'esta vez assumpto sem mais termos que nos occupar das opulencias e miserias do rei de Sião.

D'outro temos agora que falar, do rei do theatro portuguez, do incomparavel Taborda.

Noite de festa, como muitos reis a não apanham nunca, foi a de quinta feira passada no theatro de D. Maria.

Taborda representou *Os Medicos*, uma velha comedia do seu repertorio, que depois de ter dado ao theatro do Gymnasio, onde foi representada pela primeira vez ha muito mais de trinta annos, enchenes e enchenes, foi agora acolhida com um d'esses enthusiasmos que se vão tornando cada vez mais raros em theatros portuguezes.

Não é possivel representar-se com maior naturalidade, com mais arte, com melhor graça, do que o faz o decano dos nossos actores, esse velho, tão genial como sympathico, que, fazendo-nos rir a bandeiras despregadas, nos humedece o cantinho do olho com uma lagrima de ternura e de admiração.

Cinco dias antes fóra a vez de Emilia Candida. Afastada da scena pela doença durante duas epochas inteiras, cega, impossibilitada de trabalhar, nos setenta e quatro annos novamente nos appareceu, curada finalmente, bem succedida na operação que fizera ás cataractas.

E o publico applaudiu-a cheio de jubilo, fez-lhe uma enorme ovação, quando ella appareceu no palco para representar o terceiro acto do *Cesar de Bayan*.

E' que ella tem como Taborda, seu velho companheiro, a mesma graça natural. Ambos são da mesma escola.

Mas, fallando d'aquelle theatro, não podemos afastar-nos d'uma nota triste.

Todos os que frequentavam o palco conheciam o Martins porteiro, que n'aquelle casinhoto passou a maior parte dos annos de sua longa vida.

Exercia o officio desde o primeiro dia em que o theatro se abriu, ha mais de cincoenta annos. Nunca viu representar um actor ou uma actriz n'aquelle palco, nunca viu uma peça, um acto, uma scena, mas ninguem melhor do que elle sabia as historias dos bastidores desde a primeira representação do *Magrício*, até que a doença o prostrou no leito, d'onde ha pouco o levaram para o cemiterio.

Pobre Martins! Tambem elle tinha muita graça e muita historia deixou para a collecção.

Vão-se os theatros animando. Começam a retirar para Lisboa muitas familias e apparecem os jornaes com columnas compactas de novidades do *high-life*. Despede-se o verão, apparecem os chrysantemos.

Na Eschola Polytechnica realisou-se já a quarta exposição, muito superior á do anno passado.

Junto das complicadissimas flores obtidas pelo cuidado e paciencia artistica do sr. Cayeux, lá estavam as velhas despedidas-do-verão, as amigas da nossa infancia, que nos diziam o seu adeus, quando chorosos voltavamos de ferias para o collegio. Parecem agora velhas tristes, pobresinhas.

Citaremos como mais notaveis novidades as seguintes: Madame Xavier Rey Jouvin, chrysantemo branco; Congrès de Bourges, violeta; Directeur Duviard, amarello.

No jardim da Escola foi obtida uma variedade Madame Cayeux, que foi premiada na exposição do Palacio de Cristal.

Mademoiselle Marie Boutreux é um chrysantemo aromatico.

Que lindo adeus ao verão não dizem as flores!

Não foi o rei de Sião, não, que disse a Lisboa um adeus assim parecido, pois, segundo consta, ao chegar á fronteira, deu um suspiro de alívio e (ao cuidado dos srs. diplomatas) exclamou:

비밀이든든하든다

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

D. FRAXEDES MATHEUS SAGASTA

No dia 8 de agosto passado, a Hespanha perdeu o seu illustre estadista Canovas del Castillo, então presidente do gabinete politico que regia os destinos da nobre e cavalheiresca nação visinha.

A magoa e o pranto, se não foram geraes, manifestaram-se todavia unanimemente. A fidalga nação peninsular recebeu as mais penhorantes provas de sympathia dispensadas pelos paizes de todo o mundo.

A recomposição ministerial que se decretou não pôde sanar a perturbação que aquella criminosa morte levava aos arraias politicos. As questões de magno interesse com que a Hespanha se vê assoberbada careciam de medidas e resoluções bem pensadas e indicadas por um espirito claro e de alcance, pratico e experimentado.

Faltava Canovas. A Hespanha hesitou mas não demorou a sua escolha. Restava-lhe Sagasta, esse politico hespanhol, cuja popularidade já em 1893, fez com que o povo reclamasse a sua subida ao poder, no começo da epocha tristissima que a Hespanha tem atravessado desde esse anno.

Antes de indicarmos as razões por que Canovas lhe succedeu, quando a sua elevação aos conselhos da coroa havia sido tão esperancosa, permitta-se-nos que recopilemos alguns traços historicos.

Desde as côrtes constituintes de 1855 até á revolução de 1868, Sagasta foi sempre um dos mais notaveis tribunos do historico partido progressista de Hespanha. Luctando com energia e constancia, quer nas minorias parlamentares do Congresso, quer na imprensa ao lado de Calvo Asensio, Fernandez de los Rios, Carlos Rubio e de outros escriptores notaveis do seu partido, a revolução de 1868 levou-o a ministro da governação, sob a presidencia do Duque de la Torre.

A escolha do principe Amadeu, de Italia, para rei de Hespanha, dividia a politica hespanhola em dois partidos distinctos, e Sagasta encontrou-se chefe do partido constitucional, voltando ao poder em 1871, no ministerio de conciliação formado pelo duque de la Torre, e elevado a presidente do Conselho em dezembro d'aquelle mesmo anno.

Pela quarta vez, foi chamado aos conselhos da coroa a 4 de janeiro de 1874, sendo presidente do gabinete o general Serrano, governo que durou até maio d'aquelle anno. Veiu então o ministerio presidido pelo general Zabala, marquez de Sierra Bullones, em que Sagasta occupou a pasta do interior.

Em 1881, governando já a Hespanha o rei D. Afonso XII, succedeu a Canovas del Castillo, na presidencia do gabinete, e acompanhou o monarca hespanhol na sua visita a Lisboa, onde esteve em 1882.

Poucos dias depois da morte prematura de D. Afonso XII, Sagasta formou o primeiro ministerio da actual regencia em dezembro de 1885.

Voltemos á sua ascensão ao poder em 1893, e enumeremos as razões que successivamente se accumularam contra o illustre estadista e que o determinaram a pedir a sua demissão.

Em 12 de março de 1894, resolveu Sagasta uma crise conservando a presidencia do conselho, e fez o mesmo á crise de 4 de novembro, que deu entrada no governo a um possibilista, Abarzuza, nomeado ministro do Ultramar. Depois reuniu novas cortes, ainda eleitas nos começos de 1891 e nas quaes fóra tambem deputado; resistiu em 1893-94 á opinião publica que queria a guerra contra os africanos pelos ataques dos riflenhos aos fortes hespanhoes em Mellilla.

Em 1894, accitou o convenio que, em Marrocos, firmara o general Martinez Campos em nome da Hespanha com o imperador Muley-Hassam,

pondo em pratica ao mesmo tempo reformas economicas de caracter proteccionista.

Pouco depois, recebeu em Madrid uma embaixada marroquina, á qual concedeu certas modificações no tratado de Marrocos.

Seguiu-se então o tristissimo naufragio do cruzador *Reina Regente* que levou á Africa a referida embaixada nos começos de 1895 e que, no seu regresso á Hespanha, se submergiu com toda a tripulação composta de mais de 400 pessoas.

Por ultimo, viu iniciar-se, nos fins do mez de fevereiro do mesmo anno, uma guerra civil em Cuba, fomentada pelos partidarios da autonomia e independencia da grande Antilha.

Mas, apesar de todos estes factos, Sagasta sabia do governo por uma questão militar que se resumiu no seguinte:

Offendidos os officiaes subalternos do exercito hespanhol pelos ataques dos jornaes madrilenos *El Resumen* e *El Globo* praticaram alguns d'estes varios destroços nas redacções dos referidos periodicos. Recendo o gabinete a repetição agravada de taes scenas, fizeram-se algumas syndicancias, que apenas serviram para mostrar que todos os militares hespanhoes faziam sua a causa dos officiaes subalternos. O governo nem sequer pôde contar com o concurso da guarda civil ou com o corpo de ordem publica para defender em Madrid as duas redacções citadas e ainda as de outros periodicos.

Além d'isso, o elemento militar, considerando que as leis não protegiam o exercito contra as censuras da imprensa reclama uma reforma das disposições vigentes. Por este terrivel conjunto de causas, Sagasta com o seu gabinete apresentou a demissão collectiva que foi acceita, em 18 de março de 1895, sendo substituido no dia 23 por Canovas, que occupou a presidencia do conselho.

Não negou Sagasta o seu apoio ao gabinete conservador, e foi elle bastante necessario, visto as cortes serem na sua maioria fusionistas e haverem sido eleitas quando ainda Sagasta presidia á politica hespanhola.

Em 1896 estava decidadamente na opposição, seguindo com viva energia a sua politica partidaria.

Porém, mal a Hespanha precisou d'elle, pôde mais o seu coração de patriota que o seu espirito de partidario e correu a prestar o auxilio que lhe era pedido.

Hoje, que são geralmente conhecidas as ideias que o novo presidente tem na solução dos problemas mais importantes, e pelos quaes a Hespanha se prepara para resistir tenazmente e até ao ultimo extremo, as nações arrogantes que a não acompanhavam já lhe prestam a devida homenagem.

Nos fazemos votos sinceros pelas prosperidades do nosso vizinho reino tão attribulado ha alguns annos e dizemos-lhe:

—Perdeste Canovas del Castillo, mas resta-vos Matheus Sagasta. Tende confiança, pois, e persisti no vosso exemplo, sem equal, de patriotismo, sabendo desprezar a politica mesquinha para estudar com acerto as questões que prendem a attenção da Europa e do mundo e affirmar as vossas faculdades de nação illustrada.

O REINO DE SIÃO

O rei de Sião, de que publicamos o retrato e notas biographicas em o n.º 674 do 20 de Setembro, e que ha poucos dias deixou a nossa capital, onde esteve de visita de 21 a 23 do corrente, e soberano de um paiz muito conhecido dos portuguezes, e que mantem com Portugal antigas relações, que datam do seculo XVI desde que este povo devassou os paizes do oriente.

Portuguezes illustres por seus feitos estiveram em Sião e ali figuraram em altos cargos officiaes, e ainda n'este seculo Paschoal Ribeiro d'Albergaria ali exerceu um alto cargo militar.

João de Barros e Fernão Mendes Pinto historiarão largamente o paiz de Sião como quem bem o conhece.

Sião possui, como todos os paizes do Oriente, grandes riquezas, pois é abundante de minerios preciosos. As edificações originaes e ricas, deslumbram o visitante. Construidas de tijolo e revestidas de porcelana e dourados é facil imaginar o deslumbramento que produzem, illuminadas aos fortes raios do sol oriental.

E por isso que em riqueza e opulencia, pouco poderia o soberano asiatico vêr cá pela Europa, que lhe causasse admiração.

O reino de Sião está na grande peninsula transgangetica dividida a meio pelo golpho de Sião e

pelo rio Menan, assente ao sul na margem do golfo e confinando para oeste norte e leste com o paiz dos Birmans, China e Anam. Occupa uma superficie de 800.000 kilometros quadrados com uma população de 7.000.000 de habitantes composta de chinezes, malaios anamitas, peguanos e naturaes que não chegam a metade do numero total, sendo a colonia mais numerosa a dos chinezes.

Assim como as edificações são originaes, assim os seus costumes offerecem singularidades dignas de observação.

As creanças, em geral, bonitas vão-se afeiando á maneira que crescem, em resultado do uso do betel, que constitue um vicio do paiz, pois todo o siamez o masca sem interrupção, o que lhe enegrece os dentes, engrossa os labios e dilata-lhes a bocca, além do enervamento do corpo.

As mulheres novas—o que n'aquelles paizes se pode considerar, quando muito, até aos vinte annos—são regularmente formosas e de formas esculpturales irreprehensíveis: usam o cabello em grande parte rapado, o que prejudica bastante o seu aspecto, assim como aos homens, que também rapam o cabello deixando apenas um topete, no alto da cabeça. Quanto a vestuario, quer nos homens quer nas mulheres é bastante elemental, pois consiste em panos, mais ou menos ricos com que cobrem o corpo, usando as mulheres a mais uma charpa ou facha larga de fazenda que lhe cõe dos hombros.

Naturalmente indolentes pela fraqueza da raça, onde não ha cruzamento de outras raças, e pela ardenscia do clima, são os siamezes pouco propensos ao trabalho, sendo os estrangeiros que, em geral, exploram o paiz. Além d'isso os siamezes tem a vaidade de ser *homens livres*, no meio da sua indolencia, mas na realidade são mais escravos que outros quaesquer, pelos habitos de humildade que praticam, pois que o siamez mais graduado, só pode estar diante do rei, de joelhos e com os cotovellos no chão. Não passam diante do palacio real sem se descobrirem, fazer venia e fechar as suas umbrellas ou, pelo menos, inclinal-as para o lado opposto. Os barqueiros que cruzam no rio em seus barcos, tem que ajoelhar e descobrirem-se quando passam em frente do paço real, e se não observarem esta ordem, serão logo alvejados pelas bestas das sentinellas que assim lhe punirão a falta.

Estes actos de servilismo e escravidão são observados em toda a escala social de inferior para superior.

No meio d'isto o siamez tem o grande culto da familia e nenhum outro povo o excede em amor pelos seus, e apesar das mulheres terem certa liberdade, não se encontram uma esposa infiel.

São considerados escravos n'este paiz os prisioneiros de guerra, e todos aquelles que não podem pagar suas dividas, os quaes terão de trabalhar para o credor até se resgatarem.

Não é raro entre os siamezes individuos, darem em paga um filho ou uma filha e até a mulher, se ella ainda valer alguma coisa e n'isso concordar, caso seja livre. Vê-se que os direitos de credor valem mais que todo o amor de familia dos siamezes.

Que immenso trabalho não estará reservado ao actual soberano de Sião, se elle quizer entrar n'um caminho de reforma dos costumes do seu paiz, desde os vicios que inviam os seus subditos até ás leis que os degradam.

Os siamezes professam a religião de Buddha, de que tem grandes templos consagrados aquella divindade como o templo de Phrabat e o pagode de Ajuthia que era uma das maravilhas do Oriente, hoje tão arruinado como a antiga capital d'aquelle reino, pois que Ajuthia, foi até ao seculo xvii a capital de Sião.

Bangkok é agora a corte, cidade que tem sido bastante accrescentada com construcções, algumas á moda europea.

Esta e outras reformas introduzidas em Sião pelo actual soberano, devem-se em parte á influencia do príncipe Prisdang, da casa real de Sião, descendente do rei Rama Thibodi VI, conhecido por Phra Nengklao.

O príncipe de Prisdang foi educado em Inglaterra, onde seguiu um curso regular de sciencias, durante cinco annos no *King's college*, sendo premiado em todas as disciplinas e obtendo uma medalha de prata, no curso de desenho de machinas e decorativo, dada pela *Sociedade de incentivo das artes e officios*.

Voltando a Sião em 1877, foi encarregado de levantar as cartas do reino de que se desempenhou bem.

No anno seguinte, foi novamente para Inglaterra a completar os seus estudos de engenharia e depois nomeado pelo actual soberano, secreta-

rio da missão siameza enviada a Londres e a Berlim.

Fez parte ainda de outras missões diplomaticas enviadas á Europa, com o que muito alargou os seus conhecimentos scientificos, o que lhe tem dado, certamente, no seu paiz, grande preponderancia e força para coadjuvar o rei nas reformas que tem emprehendido.

Como dissemos vem de longa data as relações de Portugal com o reino de Sião e ainda hoje se mantem, existindo n'aquelle paiz uma colonia portugueza, por sem duvida das não menos importantes.

Assim tem Portugal, em Bangkok um consulado, que muitos annos foi exercido pelo sr. Marques Pereira, hoje fallecido, muito conhecedor das coisas do Oriente.

Em 1860 deu-se principio á construcção, em Bangkok, de um palacio para o consulado portuguez e n'ella se dispenderam 10.000 patacas sem se lograr concluir-a.

As obras pararam durante annos, até que indo ali o sr. visconde de S. Januario, hoje conde do mesmo titulo e general da 1.ª divisão, como embaixador do rei de Portugal, teve conhecimento do estado d'aquella obra e de quanto convinha concluir-a.

O sr. conde de S. Januario deu as necessarias providencias para que a construcção do palacio consular fosse levada a cabo, sendo inaugurado o edificio, em 1877.

E' uma das melhores construcções modernas de Bangkok e o unico palacio consular, que nos consta, que é propriedade do governo portuguez, em paiz estrangeiro.

NA ESCOLA

Uma das obras d'arte mais apreciáveis que se apresentaram na ultima exposiçã de bellas-artes de Madrid, foi a escultura que faz o assumpto da nossa gravura de pag. 240 intitulado: Na escola.

Devida ao escultor Galán, affirma vantajosamente o valor do artista que tao bem realiza a intenção do rapar, que todo se contorse n'uns pertos faceis de perceber.

N'aquella posição, enroscando a perna direita na esquerda, apertando a barriga com a mão esquerda e levantando para o ar a mão direita, com ar supplicante, não precisa fallar para que todos o entendam e principalmente o professor, demais acostumado a vêr os discipulos n'aquella situação.

SALVADOR RIBEIRO DE SOUSA

«Vasto imperio do Pegú,
Seu esforço conquistou;
Como rey foi aclamado,
Massinga o povo o chamou.

IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO (O romancista).

Os factos authenticos em que brilha o valor desinteressado e é patente a nobreza inviolada de quem soube consummal-os, parecem-nos dignamente aproveitáveis para estímulo das gerações e gloria legitima dos povos.

Os passos agigantados que determinam modificações profundas na existencia da humanidade, só pode explical-os a força invencível da Idea e o exemplo commovente das nobres dedicações registadas na Historia.

Cumpre pois, evitar por todos os meios o triumpho do embuste, e terer o elogio aquelles que verdadeiramente o merecem.

Ignoram muitos portuguezes quem foi Salvador Ribeiro de Sousa; e, porque elle tem direito incontestavel á nossa gratidão sincera, é mister conhecer os feitos que illustram a sua memoria, honrando a patria.

Resume-se a poucas linhas o que diz respeito aos primeiros annos e á familia d'este varão notavel: «Era Salvador Ribeiro de Sousa natural do couto de Ronsem, districto de Guimaraens, na provincia de entre Duro, e Minho, aonde nasceu em Quintaens; e era filho de Fructuoso Gonsalves de Sousa, de limpo e nobre sangue. Com dois outros irmaons seus partira para a India, a fim de all ganhar nome, e riquezas, como naquelles tempos faziam os nobres de Portugal, muitos dos quaes lá acharam honrada sepultura, e entre esses lá morreram os dois irmaons de Salvador Ribeiro.»

Sahira já do theatro das suas façanhas, com destino a tornar a vêr terras da sua patria, quando,

ainda no oriente, se viu forçado a fazer arribada no golpho do Ganges.

Corria então o mez de junho do anno 1600, e o nasso heroico antepassado acolheu-se ao porto de Sirião, no Pegú.

Convencendo-se a breve trecho de que seria muito util a Portugal estabelecer uma feitoria n'aquelles logares, solicitou e obteve a necessaria permissoão do rei d'Arraçã, em cujo serviço se achava Philippe de Brito de Nicote, nascido em Lisboa.

Edificou logo uma casa, que teve o cuidado de fortificar sem que a gente de fora o soubesse; e arrependendo-se o citado monarcha de haver concedido licença tão precipitada, resolveu apoderar-se da construcção já feita.

Salvador Ribeiro, confiando no seu esforço e seguro das condições de resistencia do seu dominio recente, embora não contasse mais de trinta compatriotas no forte, não esperou a chegada de quem só reconsiderou tardiamente, indo-lhe ao encontro impetuosamente.

O rei d'Arraçã desciã o rio de Pegú com armada poderosa, ao passo que os nossos guarneciam tres baixéis apenas; mas, apesar da grandissima desproporção, venceram os portuguezes, que ficaram senhores d'um despojo importante e admirados pela sua gallardia no animo dos indigenas.

Esta victoria foi alcançada nos primeiros tempos do anno 1601, e poucos dias depois, o Banha Luó assentou arraiaes proximo ao forte de Sirião, com cuja tomada ardia em desejos de lavar a afronta soffrida pelos soldados d'Arraçã.

Salvador Ribeiro, porém, que não temia nenhum perigo, por maior que elle se afigurasse, não só logrou manter-se na sua posição, como surpreendeu durante uma noite o inimigo, mandando de sua propria mão o famoso chete competidor.

Em este genro de Banha Dalá, o qual, pretendia vingar-lhe a morte por meio d'uma desforra que ficasse memoravel.

Estabeleceu rigoroso cerco á fortaleza, investindo-a incessantemente durante seis mezes, em que os sitiados experimentaram todas as agruras, desde a fome até a dezerção d'alguns companheiros e ao completo desmantelamento dos muros que os abrigavam, mas em que conservaram tambem a maxima coragem do heroismo e a fé pura da sua crença.

Salvador Ribeiro, recebeu n'esta occasião um golpe que lhe rasgou a face da orelha esquerda até á boca, e sem desesperar na conjunctura estrema em que se via, logrou por fim com o auxilio de naus de mercadores alli chegadas, libertar as ruinas em que talvez suppozera encontrar sepultura, e fazer desistir do proseguimento do sitio ao teimoso e ardente Banha Dalá, immensamente enfraquecido no exercito do seu commando.

Pouco depois dos casos narrados, o rei de Pegú foi assassinado, e tendo Salvador Ribeiro conquistado plenamente as sympathias geraes, todos o elegeram para seu soberano, dando-lhe o titulo de Massinga.

O quadro que acabamos de esboçar, relativo á historia interessante do celebre portuguez aclamado rei d'um paiz tão affastado d'aquelle em que tivera o berço, ficaria imperfeito se o não completassemos, pedida venia para mais outra transcripção.

«De todas as suas victorias, e successos deu Salvador Ribeiro parte ao Viso-rey da India portugueza, Ayres de Saldanha, o qual, com a maior ingratidão, nomeou a Philippe de Brito de Nicote, capitão mor, e conquistador de Pegú, para cuja conquista em nada concorrera, estando d'all distante mais de duzentas legoas, e respondendo a Salvador Ribeiro com uma carta de agradecimentos, cujo sobre-escripto dizia assim — A Salvador Ribeiro de Sousa, capitão da fortaleza de Sirião, em ausencia de Philippe de Brito de Nicote.»

E' agora que se defronta com a pagina mais eloquente fornecida pela carreira extraordinaria de Salvador Ribeiro; elle o defensor intemerato da fortaleza de sua fundação exclusiva, o homem honesto elevado á esphera real pela vontade livre dos seus quasi adoradores, não vacillou um momento em obedecer ás determinações condemnaveis de Ayres de Saldanha!

Ainda lez mais, abdicou a realza e já depois de o haver feito, venceu Banca, guerreiro conhecido que ameaçava Sirião.

Em março de 1603, embarcou Salvador Ribeiro de Sousa para Portugal, e cá veio exalar o derradeiro alento pobre de meios mas riquissimo de grandeza d'alma.

D. Francisco de Noronha.

O REINO DE SIÃO



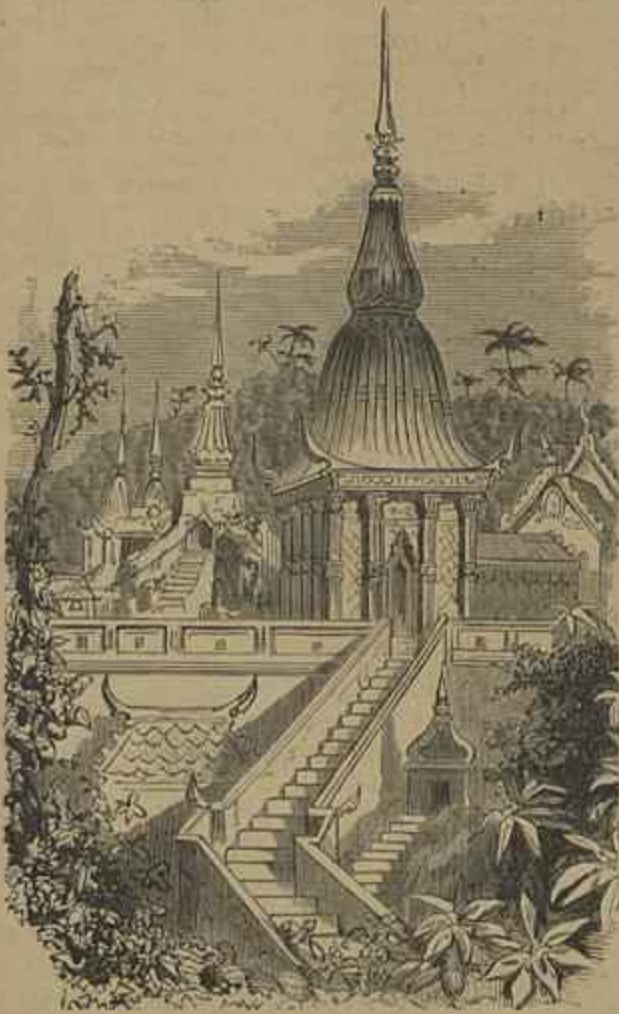
DAMA SIAMEZA



UM PRINCE SIAMEZ



UMA ACTRIZ SIAMEZA



TEMPLO DE BUDDA, EM PHARABAT



PAGODE DE AJUTCIA



BANGKOK



ROCHEDOS NO GOLPHO DE SIÃO

VULGARISAÇÃO

A DANSA

A dança, das Artes todas incontestavelmente a mais antiga, e, na opinião de alguns, a mais nobre também.

Luciano, celebre litterato da antiguidade classica e auctor da primeira obra especialmente dedicada a Arte choreographica, de que ha noticia, não duvida afirmar que a dança e o mundo tem quasi a mesma idade, e que as constellações celestes, mediante essa harmonia tão perfeita de suas periodicas evoluções, suggeriram ao homem os principios fundamentaes, em que elle veio a assentar as regras da choreographia.

Seja como for, certo é que a dança, na sua origem, manifestava caracter exclusivamente religioso; dedicada ao culto da divindade, eram os sacerdotes os unicos mortaes que disfrutavam o privilegio de dansar em publico; e el-rei David, monarcha e pontifice, decerto não teria bailado aquelle seu archaico fandango em redor da Arca da Alliança, se a dança, n'aquella era remota, fora apenas méro exercicio recreativo a que o povo podia entregar-se livremente.

A dança constituiu também entre os Egyptios ceremonial religioso, e foi por elles especialmente adoptada na celebração dos «Mysterios» do seu rito. Os antigos egypcios tiveram dois generos de dança: a primeira recebeu a designação de «astronómica», e os gregos, herdando-a de seus percursorres na civilisação, a introduziram em suas tragedias, nas quaes era executada pelos *chóros*; o palco scenico do theatro grego ostentava ao centro um altar, symbolisando o



PRINCIPE PRISDANG DA CASA REAL DE SIÃO

sól, em redor do qual os choraes dansarinos, bailando, representavam os signos do zodiaco. O segundo genero da dança egypcia, foi a do boi Apis. Onde quer que encontrassem um touro de cor preta, era este immediatamente levado em triumpho até ao templo de Memphis, onde os sacerdotes lhe prestavam culto, celebrando as dansas sacras, em que figuravam o mysterio de Osiris; que foram, por assim dizer, a primeira expressão d'esses bailados historico-mythologicos, os quaes, no seculo xvii, apparecem na corte e no theatro, com sumptuosidade e luxo scenico de ordem tal, e que vieram a constituir a moderna Arte choreographica. Concluida a dança e o ceremonial respectivo, cessava para o maldadado animal a sua existencia divina, levava baixa de posto—de nome descia ao de victima, e, por fim, era sacrificado a outras divindades:—em solenne cortejo e com dansas funebres, acompanhadas de pantomima tragica, lá o iam afogar nas aguas do Nilo. Apis, o boi divino, vinha, conforme vëem, a este mundo, incumbido da missão unica de figurar como protagonista (platonico quanto involuntario) em espectaculosos ballaricos ao divino.

O povo hebraico, durante o captivo, identificou-se, em grande parte, com os usos e costumes dos egypcios seus oppressores, e d'elles adoptou também as dansas religiosas.

Em acção de graças ao Omnipotente por terem transposto a salvo o Mar Vermelho, celebraram os hebreus uma dança festiva, á frente da qual figurou Miriam, a prophetisa; e um irmão d'esta, o sacerdote Aarão, commetteu a imprudencia de bai-



PALACIO CONSULAR DE PORTUGAL, EM BANGKOK

lar em frente do vélo de ouro a dança apícia, ao modo egypcio, imprudência que lhe custou bem cara — Jehoval, irritado, fulminou o incauto e senil folião.

O proprio Jeremias, de lamurienta memoria, em suas preces ao Altissimo, impetra não sómente o resurgimento do Templo em Jerusalem, mas ainda, que sejam restabelecidos «os antigos cantos e, com estes, as antigas dansas.»

No templo do povo hebraico havia um recinto reservado para a celebração das dansas, era a *chura*; e a primitiva igreja christã, (dizem-no S. Francisco e S. Clemente) adoptou uso identico, visto como os primeiros hebreus christãos conservavam grande parte dos usos, costumes e ritos do culto israelita.

Eis-nos, porém, chegados á Grecia, a terra classica dos prazeres, da belleza, do gozo da vida, e tambem da dansa, (considerada esta sob o ponto de vista profano).— Dansa tudo, na Grecia: dansam as tres Graças, dansam as Dryades, as Bacchantes. «A dansa», dizem os gregos, «nasceu conjunctamente com o amor.» O bom Homero inclue-a no numero dos tres unicos «prazeres dignos e honestos.» Hesiodo não hesita em declarar que a dansa constitue «o mais formoso dom de Deusa», e Pindaro chama a Apollo «o dansarino.» Platão concede-lhe o logar de honra entre toda a sabedoria humana e afirma que o homem deve aprender a dansar, antes de que aprenda a pensar.— Declara ainda que a «dansa encaminha o homem para a virtude, pois combate eficazmente a melancolia, fonte de onde dimanam os vicios todos.»

Socrates, o sabio, o prudente, não receiu comprometter a propria dignidade senil, bailando em casa de Aspasia; e o proprio Epaminondas, esse grande capitão, tomou parte nas dansas celebradas nos aposentos de uma tal Calliphronia.

A semelhança dos egypcios tiveram os gregos dois generos principaes de dansas: as dyonisticas e as corybanticas; eram as primeiras alegres, ruidosas, violentas; as segundas, expressivas e graciosas. Havia ainda a dansa gymnastica e a dansa bélica. A primeira assimilava-se aos congressos gymnasticos da actualidade; a ultima, era uma espécie das nossas paradas, ou das manobras militares.

Além das dansas choraes, ou cosmographicas, introduziram os gregos no theatro a «dansa das grullas», em que era figurado o episodio dos libertadores de Ariadne, perdidos no labyrintho de Creta. — Era a primitiva expressão dos bailados característicos ou grotescos.

Entre os romanos, as dansas de mais remota origem tiveram character religioso, como, por exemplo as dos sacerdotes de Marte, cujo *primeiro bailarino* era o pretul, que é como se dissessemos — o prelado.

Chegado o imperio, assumiram as dansas romanas character mundano, tal como o da dansa das vindimas, á testa da qual figurava a celebre Messalina, quando, á ordem do proprio esposo, foi presa e, em seguida, levada ao supplicio.

Os romanos foram os introductores, no theatro, d'essas dansas profanas, que tanta afinidade apresentavam com os nossos bailados e pantomimas de grande espectáculo; vieram até a constituir para elles divertimento favorito, a ponto de quasi em absoluto supplantarem no theatro romano, as representações declamadas.

Os iniciadores das dansas mimicas, em Roma, foram dois bailarinos gregos: Pylades e Bathillo; e, ao que parece, ali iniciaram tambem as *caballos theatras*; a rivalidade entre os dois virtuosos dos pinchos e da pirueta dividiu os habitantes de Roma em duas facções, tão assanhadas, que chegaram a vir ás mãos, redundando a contenda em verdadeira guerra civil, e assumindo esta proporções taes, que obrigaram Tiberio a Caligula a prohibir as dansas mimicas.

A esposa do imperador Domiciano, apaixonou-se loucamente por um certo Páris, dansarino e mimico genial, segundo reza a tradição; tão lisongeira preferença foi, porém, fatal ao desventurado choreographo; menos apreciador da arte do que a entusiastica consorte, o cesar não esteve com meias medidas, mandou crucificar o agil artista.

Os imperadores que abraçaram o christianismo foram inimigos fideis das dansas e pantomimas, e Constancio, n'um anno de fome, ancioso por alliviar de bocças inúteis a sua metropole, com eccletismo assaz singular, expulsou de Constantinopla todos os philosophos e mais tres mil bailarinos.

O povo bysantino, illustrando ainda uma vez com o exemplo o axioma — «não ha nada novo n'este mundo, antcipou de uns poucos de seculos, na sua arte, o moderno realismo: tomava

tanto a sério os seus bailados e pantomimas historicas, que os artistas principaes que n'elles figuravam, eram, nos lances dramaticos tinaes, substituídos por criminosos, condemnados á morte. — Dedalo e Laureolo eram trucidados a valer, este ultimo, crucificado, até, em pleno palco scenico, com louco enthusiasmo e estrepito de palmas por parte dos espectadores.

Nos periodos de maior decadencia do imperio, o gosto estragado dos romanos, saciados e gatos pela devassidão dos costumes, inventou os espectaculos de aleijados, os *distosti*, em que apenas figuravam entes disformes e principalmente anões; não, porém, como succede nos theatros de Londres, por occasião das pantomimas do Natal, representados os homunculos por artistas infantis, envergando essas extraordinarias cabeças ou mascarar grotescas, de pasta e cujo effeito comico é inimitavel:—os romanos não tiveram a fortuna de possuir um artista, um esculptor caricaturista da força do celebre Doyle; além de que, realistas por indole, na Arte, e intransigentes em tudo o que dizia respeito á verdade material das exhibições scenicas, *fabricavam, ad hoc, anões artificiaes*: mantinham encerradas dentro em fórmas de madeira, deixando-lhes apenas livre a cabeça, intelizes creancinhas, que ali permaneciam até que tivessem atingido a idade e a disformidade exigidas para o caso.

A corrupção d'aquellas eras, a pretexto de requinte artistico, apresenta-nos, aliás, innumeros exemplos de barbaridade odiosa e brutal.

(Continúa.)

Pin-Sel.

FORMOSURA PORTUGUEZA

Conto historico do tempo dos francezes

(Continuado do numero anterior)

As-ediavam-n'a estes pensamentos, quando o pedreiro, chamado por Martinau, se acercava do lugar, e o guia se fazia acompanhar de um forte jumento, aparelhado com grosseira máz comoda albarda.

A terra, em alimárias, só produzia jumentos, a hórta das bestas, como lhe chamava Martinau.

Interrogado o pedreiro, respondeu que conhecia caminhos e atalhos e que chegaria a Coimbra muito antes das tropas; e, fiado na boa esportula e na necessidade, que tinha, de se afastar de Pombeiro, onde cometera uma traição abominavel, cujo saldo de contas lhe não seria favoravel, offerceu toda a sua pessoa e habilitações, e prometeu largos e ponderosos serviços.

— Toma cuidado com este patife, Martinau. Cesteiro que faz um cesto. . .

— Descanse, meu capitão.

— Aqui tens um bom par de pistolas. A primeira falta de respeito para com esta dáma, ou ao primeiro signal de deserção ou de má companhia, quebra-lhe uma perna, ou tira-lhe os miolos, se tanto fôr preciso. E depois. . . Quem tem boca vai a Roma. . .

— E todos os caminhos lá vão dar, capitão, segundo tenho ouvido dizêr; mas. . . mas. . . n'este paiz, quando falo. . . a minha boca é como se não existisse. . . Com certeza não me levava a Coimbra e muito menos a Roma.

Juvat sorriu-se da espirituosa e acertada observação do camarada, e lembrou-se com orgulho da graça gaulêza, uma graça especial, attribuída ao seu paiz.

O individuo, que não entende uma linguagem, e não pode fazer comprehendêr a sua, tem com effeito na boca um orgão completamente inutil.

O Martinau tinha razão.

O lingua explicou a Luiza, que já indicara o seu nome, a necessidade, que havia, de partir immediatamente, em direcção a Coimbra, aonde se lhe iria reunir o capitão Juvat.

— E levam-me para muito longe. . . para o paiz dos francezes? Olhe que eu não quero ir para lá.

E Luiza, ao dizêr isto, gesticulava muito, e fitava interrogativamente o official francez, que perguntou a razão de tudo aquillo, e mandou respondêr que, de uma vez para sempre, Luiza podia confiar na sua lealdade e subido affecto; e que nada temesse, porque o soldado Martinau era o seu camarada, homem corajoso, que a defenderia de todo e qualquer perigo.

E virando-se para o camarada:

— Martinau, a tua vida responde-me por esta mulher, a quem dedicarás todas as atenções, que me são devidas. Toma dinheiro. Chegados a

Coimbra, instala-te n'uma boa hospedaria da terra, e espera-me.

E, dando as últimas ordens, colocou Luiza, por suas proprias mãos, sobre o tosco aparelho do jumento.

Quando delicadamente lhe compunha as dobras da saia, sentiu que algumas lagrimas arden-tes lhe caíam nas mãos.

Era o tributo de despedida, consagrado pela camponêza ás terras do seu nascimento; era a oblação d'aquella alma singela, lançada nas aras sacrosantas da pátria.

Que futuro seria o seu? que sorte lhe prepararia o destino?

As poeticas romarias á lombada das serras, onde alvejavam as capelas de santa Eufemia, santa Quiteria e Senhora do Monte Alto, as dansas de roda nas assentadas campestres, os lallarcos no adro da igreja de S. Martinho da Cortiça, os serões em rancho de rapazes e raparigas alegres, nas noites de poetico luar, as descamisadas, os descantes, rosmosinho odorifero, estevaes floridos, papóilas, alecrins e craveiros do seu quintal — tudo lhe lembrara de repente, ao mandar á familia o melhor dos seus pensamentos.

Aquella mançoço alorçado, aquelle homem tão extraordinario, que, outra vez, por despedida, lhe estava novamente a beijar as mãos, cortou-lhe o fio emaranhado dos tumultuosos pensamentos, e enraizou lhe ainda mais a fantastica convicção de que a sua sorte estava ligada a um encantamento qualquer.

E decidiu-se afinal a seguir o seu destino: fôl a primeira a incitar o jumento, para que elle caminhasse, e lá partiu escoltada pelo pedreiro, cuja companhia muito lhe agradou na sua dupla qualidade de patrio e entrepente, com quem poderia conversar, e por Martinau, delegado fiel das ordens do seu príncipe encantado.

Oh! santa ingenuidade. . . a da gente puramente campesina!

Mal haja a chamada civilização, que tão boas almas malsina e prevêrte!

Quando Luiza se virou a distancia para Juvat, que só ficou tranquillo, quando a viu desaparecer na sombra dos pinheiros, notou que este lhe mandava um beijo na ponta dos dedos e correspondeu-lhe, acenando-lhe com a mão, um tanto desajeitada máz significativamente.

D'ahi a instantes, o moço capitão entrava no acampamento, a tomar uma ligeira refeição e o seu lugar, já quando as tropas se preparavam para a nova marcha.

V

A gente de Sahil, levemente prejudicada nos têres pela passagem da hoste franceza, sentiu-se aliviada com a partida d'essa soldadesca, que ella com razão, pressupunha nefasta; e, respirando largamente de um grande susto, começou a dar balanço ás consequencias do extraordinario acontecimento.

A familia de Luiza inquietou-se um tanto pela ausencia da rapariga, que era tida por corajosa, má supôz fundadamente, que ella estaria escondida, como outras pessoas, em sitio retirado, e só pela noite dentro é que sofreu um triste desgano, e desesperou da sua volta.

Pôz-se em alvorço a povoação, e mesmo aquella hora saiu gente a esquadrihar os arredores, sem nenhum resultado.

No dia seguinte, todas as pesquisas foram igualmente infructiferas.

A imaginação inventiva e creduia dos coscovilheiros começou a crear uma lenda trágica, uma partilha da honra e corpo da formosa aldeã entre os cambaes francezes, que a tinham esquarterado por fim, atirando para as arestas do lagido antractuoso e juxta-fluvial os pedacos sangrentos da maldada, cuja alma penada já fora ouvida, por horas mortas, em pios dolorosos, ao pôr-se o sete-estrello.

— Cruzes! anjo bento! — murmurava a maior beata da terra, uma vizinha, paredes meias com a casa de Luiza, revolvendo entre os dedos seços e enrugados as pesadas ave-marias das suas camandulas, muito encebadas do repetido contacto das suas bentas e sujas mãos. Cruzes! sumete p'ro inferno, pôrco sujo! tarrenego, diabo! Por isso o *me Ze* teimava *hante* em dizêr que á meia noite *ovira* em riba do telhado dos vizinhos uma coruja. Ora vejam, vocemecês! Aquillo *antão*. . . Cruzes, Barzabú. . . aquillo era o *spírito* da cachopa.

— E não va'sem resposta, tia *Getrudes*, que o meu *home*, ao saltar o marachão da insua grande, *oviu* uma zurrada nos medronheiros da costa, que parecia o dêmo sólto. Era ao alpendêcer.

Depois alevantou-se um *belhorinho* negro em

riba das aréias do rio, como se fóra uma fumaceira... uma fumaceira muito grande, d'onde a modos que saíam uns ais ternos, que cortavam o cerceão.

— Santíssimo nome de Jesus! — acudiu logo, muito encolhido a gosar uma réstoa de sol, um velhito rheumático que nos seus tempos áureos exercera o glorióso mister de sacristão, e agora vivia da caridade e das conversas do soalheiro. — Por isso os lobos, a noite passada, faziam no alto da serra uma cançada de seiscentos diabos. Elles uivavam, elles mordiam, mastigavam ossos, um inferno, segundo ouvi contar. O que parece é que andavam a espatifar os restos da carne da pobre Luiza.

— Pois rezemos-lhe um padre-nosso por alma — tornou a velha Gertrudes — E que o Redemptor nos livre do pecado.

— E das almas do diabo dos francêzes, má raios os partam!

— Pois olhem que Luiza, espelhada como era e estimadita, como o paes a traziam, foi bem mal empregada.

— La isso foi. Escorroita até li!

— E bonita, o Zé.

— Tão cêdo não torna cá outra da láta d'ella.

— E não vá sem resposta, o senhora comadre,

— tornou a mulher das camandulas — Olhem que até o piar da coruja, que andou nos telhados dos meus vizinhos, parecia mesmo a fala da Luiza... assim fininha... fininha.

E a estes alviçareiros da tenebrosa lenda juntaram-se outros, igualmente verdadeiros, e chegou-se no fim de algum tempo ao convencimento absoluto de que a rapariga fora effectivamente victima de um mysterioso desastre, que lhe fazia andar a alma errante por pinheiras e fragas.

Houve até por último quem affirmasse que a desaventurada, por ser bonita e gordinha, fóra assada n'umas grelhas, debaixo dos carvalhaes, e comida pelos francêzes, á hora do almoço.

E como algum reflexionasse que ao menos os ossos haviam de ficar, foi-lhe respondido que os restos nao mastigáveis; eram os taes que o sacristão sentira trincar aos lobos no alto da serra.

E ficou-se n'isto.

E os paes da moça não estalaram de dôr, nem prolongaram muito o seu grande pezar, porque as dôres moraes da pluralidade da gente rústica, ao que temos notado, entram muito já pela civilização dentro... são de pouca dura.

Uns oito dias depóis da chegada dos francêzes a Coimbra, onde a academia os recebeu com as desconfianças, que mais tarde se haviam de converter em hostilidades, dois cavalheiros, uma dama e um manco de fino porte, tendo supportado as nortadas frigidissimas do caliginoso novembro de então, e atravessado pelas visinhanças do Fundão e Penamacor — seguiam em linha recta para a fronteira, entravam na provincia hespanhola de Cáceres, e apeavam-se diante da vetusta fachada de um convento de Hoyos, ao fim de uma tarde benigna e seca.

O arriero, dono das possantes alimárias alugadas e o criado do cavalleiro, que se apeara, tomaram conta dellas, segurando-as de redea; e este, seguido da companhia, foi á gradaria do convento, e ficou-se á espera da resposta, que a porteira lhe havia de trazer da madre prioriza, a quem mandara recado.

Dahi a pouco, o pesado portão abria um dos seus grandes batentes; e os dois viajantes eram introduzidos, passado o vestibulo, n'um parlatório, para onde deitavam portas e janelas interiores, guarnecidas de espessa e forte gradaria de ferro.

A dama, que era formosissima, ao sentir-se no escabêlo, que o manco lhe indicara, parecia fatigada e muito constrangida entre as magnificas roupas, que a cingiam.

Depóis de sentada, ergueu os olhos húmidos, onde se lia uma grande comoção, para o manco, e sorriu com meiguice, ao descalçar a luva da mão direita, que elle lhe acariciou, apertando-a docemente entre as suas.

Quasi ao mesmo tempo, abria-se uma janela fronteira, chamada do parlatório, e a ella assomava a figura seráfica de uma freira apessoada, que, pelo aspecto sanguineo e polposo, não parecia demasiado provada em jejuns e cilícios.

O manco tomou graciosamente a dama pela mão, e acercou-se com respeito da veneranda matrona, a quem beijou a mão, que ella lhe estendia através da grade; no que foi imitado pela companheira, que ruborisada e comprometida

apresentou mostras de um extraordinário aca-nhamento.

Em óptimo francêz, começou o manco:

— Aqui me tem, minha querida tia Venho acobertar-me com a protecção, que se dignou prometer-me na sua última carta.

— E não será isto uma loucura, meu sobrinho? uma grande loucura?

E, ao dizer isto, a creatura seráfica da freira desapareceu para dar lugar á figura erecta de uma fidalga de sangue e maneiras.

— Não é minha tia; sinto o bem no coração.

— O coração é bastas vezes mau conselheiro, e, mais do que isso, propulsor de grandes desgraças.

E a superiora do convento de Hoyos reftreou a custo um forte suspiro, que ia talvez denunciar-lhe a prova do que dizia.

— Vossa reverencia, tia, bem sabe quanto eu lhe respeito e acato as opiniões e conselhos, e não desconhece o affecto filial, com que a prezo; por isso me ha de permitir que eu lhe fale francamente.

— Sim, sim, meu sobrinho; fala... fala...

— Esta mulher é um anjo, como vê...

— Não profanes esse nome. Essa mulher... é... é uma mulher sem nome, meu sobrinho...

— Embora. Deslumbrou-me...

— E uma estrangeira.

— O amor não tem pátria, e eu amo-a.

— Ou antes adoro-a, que é mais ainda...

— Adoração terrena, pecaminosa...

— O' minha tia!

— Uma mulher, que consente em acompanhar-te sosinha...

— E que eu respeitei, e venho entregar-lhe, como se fóra irmã das minhas irmãs. Creia-me.

— Creio-te, e ainda bem. Nessa parte, não podias deixar de ser o digno successor da nossa raça de cavalheiros. Aplaudo-te, e fio-me de ti.

— Pode fiar-se, minha querida tia, que lh'o afirmo, ou juro...

— Não precisas jurar... A nossa Bretanha, de que ainda se me não apagaram as saudades, apesar de eu ter morrido para o mundo, é fértil em todos os procedimentos de boa fidalguia. Mas... atinal tu que queres de mim, sobrinho?

— Que recolha na sua companhia e no seu affecto, doutrinando-a, preparando-a, a futura mulher de seu sobrinho.

— Tua mulher?

— Que mais, tia? Perante Deus o juro.

E a maneira dos antigos cavalleiros, o brioso rapaz ergueu os olhos ao ceu, estendeu a mão com solemnidade, e só não beijou a cruz da sua espada, porque a não trazia consigo.

A abadessa, embora um tanto ferida nos seus sentimentos de purissima aristocracia, não deixou de admirar a firmeza do sobrinho, e advertiu:

— Continua; podes continuar.

— Recolhida esta menina á sua companhia e ao seu affecto, como já pedi, a minha boa tia lhe servirá de instructora e de mãe, fornecendo-lhe e mandando-lhe fornecêr a educação própria de minha futura esposa.

— E sabes tu o que me pedes?

— Sei, senhora; sei-o muito bem. Conheço que a incumbencia e trabalhosa e cheia de responsabilidades, que eu só solicitaria de minha mãe... ou de minha tia, que eu olho como tal. Pelos dispendios, respondo eu...

— Ninguém te fala em dispendios, mercê de Deus. Poderá porém esta rapariga, tão de repente, supportar uma semelhante mudança de vida?

— Pode; afirmo-lh'o eu. É uma criança ainda, não tem hábitos feitos, e possui, ao que tenho percebido, uma grande bondade nativa e uma intelligencia de primeira grandeza...

— Olhos de namorado, meu sobrinho.

— E raciocinios, que não ha de fallar, minha tia. Esta rapariga vale um tesouro. Imagine que n'uma convivencia de alguns dias incompletos, já aprendeu numerosas frases da nossa lingua, fazendo-me perceber e adoptar algumas palavras da sua.

— E diz-me, Adolfo, que ainda m'o não diseste e é o principal: Que sentimento te vota esta rapariga, e que affectos te dedicará ella de futuro? Parece-me contrariada; o que não é de admirar-se a sua conquista foi violenta, como me está parecendo. Não vêes como ella chora?

De facto, Luiza, que era ella, como o leitor já conheceu, pelo decorrer da narrativa e ao lembrar-se de que já lhe dissemos que uma tia do capitão Juvat vivia em Hespanha, como superiora de um convento — Luiza, conhecendo instinctivamente que se discutia a sua sorte, não levantara os olhos do parapeito da janela, e, mau grado seu, não pôde susten as lágrimas, que irrompiam cáldas e abundantes.

— Pobre anjo — respondeu Juvat — Estas lágrimas são uma prova excellente dos seus sentimentos de bondade. Arrancada, de repente, ao seio da familia, exhibitante sobre a sorte, que a espera, fatigada de viagens forçadas, teria já succumbido, se eu lhe não inspirasse confiança, ou pelo menos desesperado e insandecido. Os seus olhos porém, os seus sorrisos inimitaveis, as claras provas do seu agrado, apesar da falta das provas faladas, dizem-me claramente que sou amado, e que um dia, se Deus me conservar a vida, virei a ser um homem verdadeiramente feliz.

— Deus te oiça, sobrinho — ajuntou a abadessa, descendo muito das suas desconfianças e demonstrações de altivez, e dirigindo a Luiza algumas palavras tranquilisadoras, em hespanhol, muito pausadamente, para que ella as percebêsse, com a maior doçura e com ar de suprema agradabilidade.

A rapariga encarou então de frente aquella mulher, que lhe tinha parecido de uma grande severidade, sorriu-se ainda por entre lágrimas, recebeu, em troca, novas palavras animadoras, que muito bem fizeram ao seu espirito duvidoso.

— Muito obrigado, minha querida tia — agradeceu Juvat, beijando-lhe as mãos. — Vou partir tranquilo, como se a minha noiva ficasse em terras da patria.

— E que mais tens que dizêr-me, sobrinho? — Que me mande noticias suas e d'ella, e que dê licença a Luiza para que m'as dê, quando poder e souber fazêl-o.

— Está bem.

A abadessa, retirando-se da janela, indicou ao sobrinho a porta lateral, que se lhe seguia, e, desferrolhando-a, abriu-a de repente, e appareceu no limiar.

— E agora despede-te, e já.

O moço capitão tornou a beijar as mãos da tia, com enternecida gratidão, e, com fidalga reverencia, abeirou-se de Luiza, e, apoderando-se das d'ella, osculou-lhas ardentemente, ao dizêr-lhe simplesmente:

— *Au revoir, mon enfant.*

Luiza não pôde pronunciar uma palavra, e foi cair de joelhos diante da freira, em posição humilde, n'um doloroso arranco de soluços, que o manco recebeu no mais fundo da sua alma apaixonada.

A tia ordenou-lhe por um brusco signal que se retirasse immediatamente; o que elle fez logo, não sem se voltar duas vezes para o magnifico grupo da freira, a apontar-lhe decisivamente para a saída, e de Luiza, ajoelhada, a soluçar fortemente, aos pes da religiosa.

Quando se voltava pela terceira vez, nada mais viu do que a porta deserta e aferrolhada.

Dahi a instantes, cavalgava para a fronteira, seguido pelo seu fiel camarada Martinau; e, em poucos dias, reunia-se em Coimbra ao seu regimento, cujo commandante lhe dera uma licença de quinze dias, a titulo de grave negócio de familia.

(Continua.)

Sanches de Frias.



Recobemos e agradecemos:

Relatorio da Real Sociedade Portuguesa Beneficente do Pará — Em 1896 — Pará — 1897.

Este relatorio foi apresentado á assemblea geral da benemerita sociedade portuguesa no Pará, em sessão de 18 de julho de 1897, pelo seu digno e illustrado presidente sr. Joaquim da Silva Vidinha.

Compulsando este documento, verificamos que em 31 de dezembro de 1895 havia 2.542 socios a que se juntaram 168 admittidos durante o anno e que no final ficaram em 2.586, numero que mostra bem a importância da aggreiiação.

A receita foi no valor de 245.183.880 e a despesa no de 211.630.970 o que dá um saldo de 33.507.880.

A directoria do hospital de D. Luiz I, admistrado pela referida sociedade, tomou recentemente uma medida importantissima cuja relação torna muito interessante este documento.

Eis como o sr. Joaquim Vidinha se refere a este facto:

«A admissão das irmãs hospitaleiras tinha sido»



NA ESCOLA — ESCULPTURA DE GALÁN

preconizada por varias directorias e estava naturalmente indicada não só pelo renome que ellas tem adquirido como enfermeiras nos estabelecimentos hospitalares, entregues á sua zelosa e desvelada administração, como pelos mais instantes interesses da Sociedade, que não podiam, nem deviam continuar no evidente e crescente descabro em que iam; porém, todos hesitavam em assumir a responsabilidade d'essa medida, que vos auctorisastes em sessão da assemblea geral de 12 de março de 1893, por causa da opposição que ella levantava por parte de alguns de nossos illustres consocios, com os melhores e mais dignos intuitos, sem duvida, de bem servirem os interesses da Sociedade, mas com umas preocupações de seitas ou de crenças que não tem razão de ser, *maximé* entre nós, onde ha absoluta carencia de pessoal habilitado e educado para os serviços hospitalares.

☞ A directoria de 1890 não se deteve diante d'esses votos discrepantes e contractou com a ex.^{ma} irmã regente do Hospital de Caridade dez irmãs da Congregação de Sant'Anna de Roma, nos ter-

mos do contracto de 19 de novembro de 1896, que vos offerço no annexo n.º 1.

Chegadas aqui, em 7 de abril d'este anno, assumiram em 9 do mesmo, a regencia e a administração do nosso hospital. Sem querer aventurar affirmativas, que a pratica podia mais cedo ou mais tarde desmentir, é convicção minha que o nosso importante estabelecimento entrou n'um periodo de rasgada regeneração moral e economica, que nos ha de proporcionar largos dias de prosperidade.

A experiencia dos curtos dias que medejiam entre a data da sua admissão e o momento que, no desempenho do meu dever, vos estou ministrando estas informações deixam-me conceber a esperanza de que este acto da directoria de 1896 foi o mais relevante serviço que ella podia prestar á Sociedade. Quaesquer que sejam as nossas opiniões philosophicas ou crenças religiosas, é força confessar que estas senhoras, muitas das quaes estavam destinadas pelo nascimento e pela educação para os mais altos destinos sociais, renunciando a todos os confortos e gosos da fami-

lia e da sociedade, para todas se entregarem á vida de abnegação e de sacrificio dos hospitaes, onde a sua carinhosa solicitude relembra aos infelizes, aos martyres do soffrimento o doce aconchego do lar distante, dilacerando e rompendo na contemplação do quadro de horrores que offerece a vida do hospital, merecem a veneração de quantos comprehendem a sublimidade da sua santa missão. Se é o fanatismo que as inspira, abençoado seja elle que prodigaliza ao infeliz que agoniza longe da patria, longe do lar, os affagos, a ternura incomparavel da mulher!»

No final do relatório veem transcriptos os artigos do contracto alludido. Ha entre elles disposições que merecem o mais nobre applauso pela sua delicadeza e alcance.

A sympathica aggremação deve pois progredir grandemente. Assim o desejamos do coração.

Gazeta dos caminhos de ferro de Portugal e Hespanha. Proprietario e director L. de Mendonça e Costa.

Eis o sumario do ultimo numero recebido:

A ponte Maria Pia, por Xavier Cordeiro — Carta de Inglaterra, por W. N. Cornett — Parte official — Tarifas de transporte — Automobilismo (ilustrado) — Notas de viagem. XXVII — Os semaphoros electricos nas estações do Porto — O monopolio do jogo — Parte financeira — Carris de ferro de Lisboa — Os nossos collegas — Linhas portuguezas. Estação central do Porto — Regresso — Sete elevadores, Ponte da Esqueira, Zambezia, Comboios de Espinho — Linhas hespanholas. Bilbao a Durango, Monforte a Pontevedra, Salamanca a Peñaranda, Linares a Almeria — Linhas estrangeiras. Alemanha, Brazil, Egypto — Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, Relatório; e muitos outros artigos todos de interesse publico.

O Occidente dos Açores, Revista litteraria. Director e proprietario, Abilio da Silva.

Temos recebido com toda a regularidade esta revista açoriana, cuja collaboração selecta a torna uma das publicações litterarias mais apreciaveis e representa o importante papel de tuba dos progressos da litteratura fayalense, que conta tantos escriptores de merecimento.

Para as crianças. N.º 6 da 1.ª serie. Setembro, 1897.

Com este numero da graciosa publicação, termina a 1.ª serie. Contem o conto *Homem da moça*, acompanhado de uma interessante correspondencia com os seus jovens leitores, a quem a auctora, D. Anna de Castro Osorio, dedica amaveis expressões de agradecimento pelo exito da publicação.

Almanach Illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 d'onde está prestes a sair.

Desde já se recebem encomendas na Empresa do «Occidente» — Largo do Poço Novo — Lisboa

A PECCADORA

Por E. P. ESCRICH

VERSÃO DE ESTREVA PEREIRA

Um lindo romance de costumes, cujo nome do auctor, Escrich, é garantia do interesse e dramático da acção d'este romance

6 volumes illustrados com gravuras 35000 réis

Pedidos á Empresa do Occidente

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 3ª